

Oficina de educação em saúde com adolescentes: relações de trocas interindividuais no contexto das interações

*Marisa Camargo**

Resumo: Neste trabalho são discutidas as relações de trocas interindividuais identificadas na interação com adolescentes do ensino fundamental de uma Escola Estadual de Porto Alegre/RS em uma oficina de educação em saúde realizada no período de maio a julho de 2008. As informações coletadas por meio de protocolos de observação foram analisadas com base nas categorias teóricas e teorias inspiradoras trabalhadas no II Curso de Formação Continuada para Educadores de Crianças e Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social do Programa Conviver para Aprender, promovido pelo Laboratório de Estudos em Educação à Distância do Colégio de Aplicação (Le@d.CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), composto de atividades práticas e teóricas presenciais e à distância, do qual a oficina constituiu atividade prática. Através de um conjunto de atividades que enfatizaram a educação em saúde, identificaram-se as categorias teóricas: trocas interindividuais equilibradas devido à cooperação intelectual, trocas interindividuais desequilibradas devido ao egocentrismo intelectual, trocas interindividuais desequilibradas devido ao conformismo intelectual e trocas interindividuais desequilibradas devido à coação intelectual, ratificando a aplicabilidade dessa proposta teórico-metodológica no processo ensino-aprendizagem.

* Assistente Social, especialista em Saúde Coletiva com ênfase em Atenção Básica (nível Residência), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Faculdade de Serviço Social (FSS) da PUCRS. Bolsista integral do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Trabalho (NEST/FSS/PUCRS). E-mail: mariscamargo_ss@hotmail.com

Palavras-chave: Adolescentes, Educação, Saúde, Trocas interindividuais, Interação.

Abstract: This work discussed the terms of trade interindividual identified in the interaction with the basic school adolescents in a State School of Porto Alegre/RS in a workshop for health education carried through in the period of May the July of 2008. Information collected through protocols of observation were analyzed based on the theoretical categories and theories inspiring II worked in-service training courses for Educators of Children and Youth at a Social Vulnerability of Living to Learn Program, sponsored by the Laboratory for Studies in Education Distance of the Colégio Aplicação (Le@d.CAp) of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), made up of actual and long-distance practical and theoretical activities, of which the workshop constituted practical activity. Through a series of activities that emphasized the health education, were identified theoretical categories: trade balance due to interindividual intellectual cooperation, due to unbalanced trade interindividual intellectual egocentrism, due to unbalanced trade interindividual and intellectual conformism because of the unbalanced trade interindividual coercion intellectual, confirming the applicability of the proposed theoretical and methodological in teaching-learning process.

Keywords: Adolescents, Education, Health, Trade interindividual, Interaction.

Adolescência e educação em saúde

A adolescência é a etapa do desenvolvimento humano, caracterizada por um conjunto de mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Trata-se de uma etapa evolutiva e peculiar ao ser humano, em que “(...) culmina todo o processo maturativo e

biopsicossocial do indivíduo” (OSÓRIO, 1992, p. 10). Existem mecanismos psicossociais que se alteram no processo de adolecer dos sujeitos, dentre eles, o processo de formação da sua identidade, ou seja:

(...) O conhecimento por parte de cada indivíduo da condição de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo-lhes reconhecer-se o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas as identificações prévias feitas até o momento considerado (OSÓRIO, 1992, p. 15).

Entende-se por adolescente, nesse contexto, conforme o previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA),¹ toda pessoa com faixa etária compreendida entre doze (12) e dezoito (18) anos de idade, a quem a família, a comunidade, a sociedade e o poder público devem assegurar proteção integral e com absoluta prioridade a garantia dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana: vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade, convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990a).

O adolecer é um processo que implica transição, traduzindo uma espécie de “passagem” da fase infantil para a adulta. No que diz respeito às mudanças físicas, trata-se de um período em que os sujeitos, ainda com uma mente infantil, vivenciam a perda do corpo infantil que vai se transformando em adulto (OUTEIRAL, 1994). As mudanças bruscas ocorridas nesta fase e vivenciadas pelos adolescentes refletem contradições, confusão e, por vezes, sofrimento, numa busca particular de respostas aos questionamentos sobre sua saúde, mudanças corporais, sexualidade e inclusive, sobre seu papel na sociedade, aspectos que desencadeiam atitudes alternadas de maturidade em determinadas situações, assim como, de imaturidade noutros momentos.

Consonante à lei específica de proteção aos direitos de crianças e adolescentes, no contexto da política pública de saúde brasileira (BRASIL, 1990b), o princípio da integralidade pressupõe a concepção do sujeito na sua totalidade, preconizando a

¹ Lei n. 8069 de 13 de julho de 1990.

integração de um conjunto de ações, incluindo a promoção da saúde, a prevenção de doenças, o tratamento e a reabilitação (BRASIL, 2001), elementos contemplados pela educação em saúde. Entretanto, a efetivação da integralidade demanda que o processo de trabalho esteja integrado e vislumbre a intersetorialidade, visto que, a ação isolada de uma ou outra política não é suficiente para atender às demandas sociais no âmbito da saúde.

Para a educação em saúde convergem diversas concepções, provenientes da área da saúde e da educação. É possível caracterizar-se duas dimensões que constituem a educação em saúde: a primeira delas “(...) envolve a aprendizagem sobre as doenças, como evitá-las, seus efeitos sobre a saúde e como restabelecê-la” (SCHALL, 1999, p. 1) e a segunda dimensão, a de promoção da saúde, “(...) inclui os fatores sociais que afetam a saúde, abordando os caminhos pelos quais diferentes estados de saúde e bem-estar são construídos socialmente” (SCHALL, 1999, p. 1).

A educação em saúde no trabalho com adolescentes deve compreender o desenvolvimento de ações que: democratizem o acesso às informações sobre bens, serviços, políticas públicas e sociais necessários à efetivação do alcance à saúde e demais direitos sociais na perspectiva da integralidade, contribuam para a formação de consciência crítica e incentivem o exercício do controle social, estendendo-se às propostas pedagógicas libertadoras comprometidas com o desenvolvimento da solidariedade e da justiça, aspectos convergentes entre saúde e educação. Considerando-se que as proposições externas ao sujeito precisam estar sintonizadas às estruturas cognitivas para impactar no seu plano de significações, constituindo elementos para a produção do conhecimento acerca do objeto (ESTRÁZULAS, 2008a), a utilização da educação em saúde na mediação da aprendizagem, deve refletir e ampliar o campo de significações desses sujeitos, revertendo-se em oportunidades de fazer novas escolhas em relação ao processo saúde-doença com vistas à efetivação do direito individual e coletivo à saúde.

Teorias inspiradoras e categorias teóricas

De acordo com os pressupostos da educação em saúde e reconhecendo-se as contribuições da utilização da temática na instrumentalização individual e coletiva para a ação crítica no processo saúde-doença, bem como as possibilidades de proposições dessa natureza associadas a outras iniciativas, ainda que de modo processual e a longo prazo, contribuirão para a emancipação dos sujeitos, a educação em saúde constituiu eixo norteador das atividades prática (oficina) e teórica (trabalho de conclusão de curso) totalizando cento e oitenta (180) horas, desenvolvidas em atenção aos requisitos do II Curso de Formação Continuada para Educadores de Crianças e Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social do Programa Conviver para Aprender, promovido pelo Laboratório de Estudos em Educação à Distância (Le@d. CAp) do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizado no período de dezembro/2007 a julho/2008. Nessa perspectiva, o presente trabalho trata-se do relato da experiência de desenvolvimento da atividade prática e sua articulação com as categorias teóricas e teorias inspiradoras escolhidas dentre os conteúdos que integraram a proposta teórico-metodológica do processo de formação: equilíbrio e desequilíbrio nas trocas interindividuais (relações de trocas interindividuais desequilibradas devido ao egocentrismo, coação e conformismo intelectuais e relações de trocas interindividuais equilibradas devido à cooperação intelectual) (ESTRÁZULAS, 2007; 2008a; 2008b).

Equilíbrio e desequilíbrio nas trocas interindividuais

As situações de aprendizagem mediadas pelas tecnologias de comunicação telemáticas podem contribuir para o exercício da cooperação desde que as relações com o saber construídas não sejam de exclusão e produzam os meios necessários para que ditos recursos sejam avaliados pelos seus usuários. Na prática,

realizar o exercício da cooperação a partir da interação com a utilização desses recursos tecnológicos implica compreender o processo de passagem do egocentrismo intelectual à cooperação em cada sujeito (ESTRÁZULAS, 2007; 2008b).

A lógica das relações revela-se pela presença da cooperação, referindo-se, portanto, à lógica das relações sociais mantidas pelos sujeitos. Para ocorrer a passagem da ação para a lógica é necessário que o sujeito supere o caráter egocêntrico das suas ações. No modelo utilizado por Piaget (1973 *apud* ESTRÁZULAS, 2008b) para descrever o mecanismo que envolve as trocas em que há cooperação, ou seja, as trocas interindividuais equilibradas foram incorporadas equivalências entre iniciativas, avaliações e obrigações. Em virtude disso, as trocas interindividuais apresentam uma seqüência de momentos que contemplam, de um lado: a ação em si (ação → avaliação dessa ação → acordo gerado pela avaliação → valor virtual gerado pela expectativa da execução dessa ação) e de outro: o reconhecimento da obrigação (ação de conservação e execução do acordo → avaliação da execução do acordo → satisfação dos valores virtuais) (ESTRÁZULAS, 2008b).

Para que as trocas entre sujeitos sejam equilibradas, são necessárias duas condições: “(...) a- uma escala comum de valores e b- a equivalência entre todos os valores acordados, que se traduz na conservação dos acordos e na reciprocidade de pensamento” (ESTRÁZULAS, 2008a, p. 6). Para a autora, diz-se que há uma escala comum de valores nas trocas interindividuais quando a avaliação de uma iniciativa gera valores comparáveis aos do sujeito que avaliou; há conservação dos acordos, quando os sujeitos levam em consideração o que admitiram ou disseram e há reciprocidade, quando os dois sujeitos em interação tomam atitudes que são avaliadas mutuamente. A cooperação intelectual é, portanto, condição necessária para o estabelecimento de toda e qualquer troca interindividual equilibrada.

Por outro lado, as trocas interindividuais desequilibradas são caracterizadas pela ausência de escala comum de valores, de

conservação de acordos e de reciprocidade. As trocas podem ou não auxiliar na passagem do egocentrismo intelectual à cooperação. Nas relações de egocentrismo intelectual, os interesses em jogo se opõem à objetividade (os sujeitos não conseguem sair do seu ponto de vista, é inviável a presença de uma escala comum de valores e mesmo que estes existam não se conservam no tempo); no conformismo intelectual, há uma valorização não recíproca do outro (submissão voluntária); na coação intelectual, há uma submissão não espontânea à escala de valores do outro (efeito da autoridade ou prestígio do outro); e na cooperação intelectual, há convergência e reciprocidade nas comunicações (hipóteses em comum) (ESTRÁZULAS, 2008a; 2008b).

Procedimentos metodológicos

A ciência não existe sem a utilização de métodos, apesar deste não constituir exclusividade da ciência. O diferencial da pesquisa científica daquela de senso comum é a profundidade com que a primeira trata o tema em estudo, o uso de critérios de cientificidade, a apropriação e utilização de métodos científicos (PRATES, 2003). O método se refere ao

conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objeto (...), traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 83).

Sua escolha deve estar atrelada aos objetivos que se propõe a alcançar através da intervenção numa dada realidade social.

A oficina de educação em saúde teve como sujeitos nove (09) adolescentes com faixa etária compreendida entre 13 e 15 anos de idade, estudantes da 8ª série do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual de Porto Alegre/RS, que aceitaram participar das atividades de forma espontânea e voluntária e cujos responsáveis aderiram ao termo de consentimento informado e

esclarecido, conforme modelo apresentado pela instituição formadora. A divulgação da atividade ficou a cargo dos tutores² do II Curso de Formação Continuada para Educadores de Crianças e Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social, tendo sido realizadas através de visitas à instituição de ensino dos adolescentes e distribuição de convite confeccionado pelos educadores responsáveis.

A coordenação multidisciplinar das atividades foi possibilitada pela parceria estabelecida com educadores cursistas, tendo sido composta por três profissionais das áreas de Serviço Social, Enfermagem e Licenciatura em Filosofia. Os encontros com os adolescentes eram monitorados pelos tutores e a supervisão docente ficou a cargo dos doutores coordenadores do II Curso de Formação Continuada para Educadores de Crianças e Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social, ambos integrantes do Laboratório de Estudos em Educação à Distância (Le@d.CAp) do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

No que diz respeito ao planejamento e estratégias de ação, a oficina foi organizada em nove (09) encontros de quatro (04) horas/aula, em turnos vespertinos com periodicidade semanal, realizados nas dependências da instituição-pólo Colégio de Aplicação (CAp/UFRGS). Os encontros tiveram início em maio e conclusão em julho de 2008. O objetivo geral que norteou a realização da atividade foi o de propiciar um espaço multidisciplinar de interação e construção do conhecimento sobre temas relacionados ao âmbito da educação em saúde, que favorecesse as trocas interindividuais entre os adolescentes, despertando posicionamentos mais críticos diante da realidade social no contexto de convívio individual e/ou coletivo. O mesmo foi complementado pelos objetivos específicos, cujo alcance inspirou o planejamento e o desenvolvimento das ações em cada um dos encontros. Para

² Estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuantes como bolsistas no Programa Conviver para Aprender do Laboratório de Estudos em Educação à Distância (Le@d.CAp) do Colégio de Aplicação da UFRGS, provenientes das áreas de: Relações Públicas, Informática, Artes Visuais e Psicologia.

o alcance de cada um dos objetivos específicos, foram desenvolvidas as seguintes ações:

· *Objetivo específico 1:* Contribuir no estabelecimento de um espaço de reflexão e aprendizagem acerca de questões pertinentes ao tema educação em saúde juntamente com os adolescentes e considerando-se o interesse individual e coletivo.

Ações desenvolvidas para o alcance do objetivo específico 1: Dinâmica de apresentação dos participantes; estabelecimento do contrato de trabalho com o grupo, validação coletiva das regras de convivência e abertura de espaço para negociação de alterações; preenchimento de ficha cadastral do participante e apoio aos novos participantes na sua realização; construção de cartaz ilustrando sugestões de temas e escolha individual e coletiva dos temas a serem abordados durante os encontros da oficina; visita à biblioteca local para consulta de materiais referentes ao tema de pesquisa escolhido; formação de parcerias e/ou equipes de trabalho para a leitura de textos trabalhados nos encontros; criação de blogs pessoais *on-line* a partir de recurso disponibilizado pela instituição formadora, apoio na criação de blogs pessoais de novos participantes, interação *on-line* com os participantes da própria oficina e das oficinas desenvolvidas pelos colegas educadores cursistas e registros sobre as atividades desenvolvidas; uso do programa *CmapTools* para a construção de mapa conceitual sobre o tema de pesquisa escolhido, apoio aos novos participantes na realização da atividade e visita aos mapas conceituais dos blogs dos demais participantes; intervalo com lanche coletivo e espaço para socialização de situações do cotidiano dos participantes.

· *Objetivo específico 2:* Mediar a construção de um espaço coletivo de convivência com as diferenças entre os participantes a fim de incentivar o diálogo de modo aberto, o exercício da tolerância nas relações e a formação de consenso frente ao pensamento diferente.

Ações desenvolvidas para o alcance do objetivo específico 2: Rodas de conversa acerca das temáticas abordadas durante o respectivo encontro e esclarecimento de dúvidas com envolvimento direto dos participantes; seleção coletiva dos temas a serem abordados durante os encontros da oficina; apoio aos novos participantes no preenchimento da ficha cadastral, criação do blog pessoal e construção de mapa conceitual.

· *Objetivo específico 3:* Incentivar a reflexão sobre a lógica que orienta as relações interpessoais identificando possibilidades de

transformação da realidade a partir da tomada de consciência dos próprios adolescentes e do seu reconhecimento como agentes desse processo.

Ações desenvolvidas para o alcance do objetivo específico 3: Leitura e discussão de texto tratando de expressões da questão social e atitudes passíveis de serem tomadas diante delas; exibição e reflexão de filmes cujo núcleo tratava dos temas sugeridos pelos participantes (drogas, violência, gravidez na adolescência e situação de rua); compromisso de socialização das discussões com pessoas do convívio dos participantes.

Tanto o planejamento quanto a avaliação das ações foram realizados sistematicamente pelos educadores responsáveis pela oficina de educação em saúde. As formas preferenciais de comunicação utilizadas para o planejamento dessas ações foram: encontros presenciais, contatos telefônicos e principalmente recursos da *internet*, pela praticidade proporcionada por esta ferramenta, disponibilidade de acesso dos educadores e mobilização em testar a aplicabilidade dos recursos a serem utilizados posteriormente na interação com os adolescentes.

Para fins de análise e interpretação dos dados, cada educador selecionou as informações coletadas através do acompanhamento e interação com três (03) dos nove (09) adolescentes participantes da oficina de educação em saúde. Nesse contexto, optou-se por analisar as interações interindividuais das adolescentes ANA³ (15 anos, 8ª série), LUCI (14 anos, 8ª série) e EVA (14 anos, 8ª série), por terem sido mais diretamente observadas pela educadora.

Resultados

As observações das trocas interindividuais nas interações entre os adolescentes durante os encontros e atividades que

³ Foram utilizados nomes fictícios para preservar o anonimato dos sujeitos, em respeito ao compromisso ético estabelecido pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS), n. 196/96 (Brasil, 1996) em pesquisa e/ou trabalhos assemelhados no âmbito da saúde.

integraram a oficina foram realizadas utilizando-se como instrumento o modelo de protocolo disponibilizado pelo curso de formação que contemplava: data, horário, duração da intervenção, identificação do cursista, nome e endereço completo da instituição sede da atividade prática, educandos (nome, idade, série), descrição do contexto da interação, observações da interação e anexos. Os registros permitiram a identificação das categorias teóricas: trocas interindividuais equilibradas devido à cooperação intelectual, trocas interindividuais desequilibradas devido ao egocentrismo intelectual, trocas interindividuais desequilibradas devido ao conformismo intelectual e trocas interindividuais desequilibradas devido à coação intelectual, mediadas pelas teorias inspiradoras, conforme se pode observar nos recortes a seguir:

a) *Relação de troca interindividual desequilibrada devido ao egocentrismo central*: Relato da interação entre as adolescentes ANA (15 anos, 8ª série) e LUCI (14 anos, 8ª série) numa atividade proposta pelos educadores (ED1 e ED2) no primeiro encontro da oficina de educação em saúde, realizado em maio de 2008. As adolescentes eram estudantes e colegas de classe na última série do Ensino Fundamental, porém era o primeiro ano que estudavam juntas, devido ao fato de ANA estar repetindo o ano letivo. A interação ocorreu no laboratório de informática e se propôs à criação de uma conta de *e-mail* para LUCI, para que fosse possível dar seguimento à criação do seu blog pessoal no Açai Jovens.⁴

ED2: – Quem sabe a ANA poderia ajudar a LUCI a criar um *e-mail*...

ANA ergueu a cabeça e nos olhou, mas permaneceu sentada diante do computador e voltou a digitar. Enquanto ANA não vinha, expliquei para a LUCI como acessava o *site* da conta “*hotmail*” onde criáramos o seu *e-mail*, já que era o mesmo que ANA e EVA possuíam e nos permitiria a utilização posterior do *messenger*.

⁴ Recurso de interação *on-line* desenvolvido pelo Le@d.CAp/UFRGS, disponibilizado para utilização nas atividades práticas propostas pelos cursistas do II Curso de Formação Continuada para Educadores de Crianças e Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social.

Feito isso, desloquei-me até ANA:

ED1: – ANA! Tu podes ajudar a LUCI a criar uma conta de *e-mail*, por favor?

ANA então se levantou e dirigiu-se até o local em que se encontrava LUCI. Sentou-se ao seu lado, ocupando a cadeira que eu havia utilizado anteriormente. Eu e ED2 ficamos em pé atrás de LUCI, que estava em frente ao computador. ANA se sentou em silêncio. Pegou o *mouse* e começou a percorrer o *site* à procura do *link* para a criação de *e-mail*. Abriu e fechou *link's* nessa busca... Deixamos que ela fosse procurando... Parou numa página (onde se encontrava o atalho para criar a conta de *e-mail*), ficou olhando para o monitor por alguns instantes, sempre em silêncio...

ED1: – O que diz aí ANA? (Silêncio...)

ED1: – Tu leste o que diz aí ANA? (Novo silêncio...)

Mais alguns instantes se passaram e ANA clicou no ícone que dizia “crie já a sua conta”.

ANA virando-se para LUCI: – Qual o teu *e-mail*?

LUCI: – Hum? (Com ar de espanto...)

ANA: – Qual o teu sobrenome?

LUCI: – **ç**.

Nesse instante ANA estica os braços e puxa o teclado para o seu lado, colocando-o à sua frente, enquanto LUCI apenas observa. Sem consultar LUCI, ANA tenta criar uma conta de usuário unindo o nome de LUCI, mais “ponto” e sobrenome. Digita o “ç” e aparece a orientação dos símbolos e sinais que o sistema recusa.

ED1: – O quê ta escrito aí ANA? (Silêncio...)

ANA insiste no “ç” em mais duas tentativas e em nenhuma delas pára para ler a mensagem automática de recusa. Então, observa que o sistema apresentou algumas sugestões de contas de usuário, e deparando-se com elas, automaticamente olha para LUCI e determina:

ANA: – Escolhe uma dessas... (Apontando para as opções no monitor...)
(AUTORA, 2008, p. 20-21)

Diz-se que há *desequilíbrio* nas trocas interindividuais devido ao *egocentrismo intelectual*, quando é impossível a *coordenação de pontos de vista* entre os sujeitos numa determinada interação. Em ambos os sujeitos, de acordo com o que se pôde

observar na interação entre ANA e LUCI, não se observa a viabilização de uma escala comum de valores, dado que nenhuma delas conseguiu se dar conta desta possibilidade. Num outro encontro da oficina, no momento em que os adolescentes foram convidados a socializar com os demais participantes as atividades consideradas mais relevantes, ANA destacou o fato de poderem auxiliar os colegas a desenvolver suas atividades. A reflexão de ANA acerca da sua ação suscitou entre os educadores um questionamento considerado chave nesse contexto: “teria sido ANA oportunizada a interagir em atividades dessa natureza antes”? A questão ratifica as discussões acerca da necessidade de serem possibilitadas aos sujeitos outras ou novas possibilidades de escolhas que qualifiquem a convivência nas suas relações interindividuais.

Em outro momento, os adolescentes foram organizados em trios de acordo com as temáticas escolhidas para pesquisa na oficina. Um dos educadores dispõe ANA e ISA (15 anos, 8ª série) em grupos separados pela proximidade que elas demonstravam e para promover a interação com outros participantes (“o diferente”). Um dos educadores entende a proposta e contribui para que ela aconteça. Entretanto, diante da relutância das adolescentes o outro educador cede permitindo que elas compusessem o mesmo grupo. ISA participa de dois (02) encontros e desiste da oficina (por motivos particulares) e ANA, além de seguir até o final e destacar-se como uma das adolescentes mais participativas, evolui significativamente na aproximação com os demais adolescentes. A contradição na tomada de decisão entre os educadores é salientada, assim como a variedade de acontecimentos cotidianos que fogem ao planejamento das atividades, exigindo não apenas o reordenamento das ações, mas também os desafiando a redobrar sua atenção, reflexão e criatividade. A situação inusitada desestabiliza os educadores e o processo reflexivo conjunto sobre essa e outras situações desse caráter, denota aprendizagem individual e coletiva.

b) *Relação de troca interindividual desequilibrada devido ao conformismo intelectual*: Na seqüência da interação anterior, ao chegar no item “senha”, ANA (15 anos, 8ª série) perguntou o

número do telefone celular de LUCI (14 anos, 8ª série) e rapidamente, por sua conta, estava reproduzindo-o como senha da conta de *e-mail*. Questionamos ANA sobre seu julgamento a respeito de LUCI concordar e/ou escolher a própria senha, visto que consiste em algo de uso pessoal. Diante do questionamento, ANA tratou de apagar o que havia digitado e aproximou o teclado de LUCI, que rapidamente digitou uma senha no espaço solicitado.

ANA: – De novo!

LUCI: – A mesma?

ANA: – Éééé... (Com ar de desdém...)

LUCI lança um olhar de desaprovação à ANA e põe-se a procurar as teclas para repetir a sua senha.

ED2: – Precisa anotar a senha LUCI?

LUCI: – Acho que sim, né...

ANA: – Anota teu *e-mail* também...

E LUCI anotou primeiro a senha, depois a conta de usuário... (AUTORA, 2008, p. 22)

Nessa interação, observa-se um falso equilíbrio na troca, visto que não apresenta mobilidade e reversibilidade (ESTRÁZULAS, 2008a). A ausência de questionamentos de LUCI em relação à postura de ANA produz, num primeiro momento, a noção equivocada de uma relação de reciprocidade. Entretanto, tanto ANA segue na condição de egocentrismo intelectual, quanto LUCI se coloca na condição de conformismo, pois apesar da demonstração de desconforto em relação às escolhas que a outra adolescente faz por si, ela contraditoriamente permite que a mesma siga tomando decisões por ambas e, conseqüentemente, orientando os rumos da interação.

c) *Relação de troca interindividual desequilibrada devido à coação intelectual*: A identificação de relação desse tipo de troca interindividual provém do relato de uma das interações entre um dos educadores (ED1) com a adolescente LUCI (14 anos, 8ª série) numa atividade desenvolvida no primeiro encontro da

oficina de educação em saúde. A atividade consistiu no preenchimento de uma ficha contemplando dados de identificação dos adolescentes com acompanhamento dos educadores. Todos foram orientados a acomodaram-se livremente na sala de informática para desenvolvê-la.

LUCI se sentou junto à mesa de um dos computadores.

ED1: – Tu entendeste a proposta LUCI?

LUCI: – É para eu preencher?

ED1: – Sim, isso. Tu podes preencher as questões e eu vou estar aqui para te acompanhar se tiver alguma dúvida. LUCI consentiu e começou a ler o que estava sendo solicitado. (Observa que há um item escrito “Registro: ___” e outro “Educador. Deixa-os em branco e parte para o item “1- Nome”).

LUCI: – É para escrever o meu nome?

ED1: – Sim, isso mesmo.

(Ela escreve então o seu primeiro nome.)

LUCI: – Todo o nome?

ED1: – Todo o nome.

(Preenche a data de nascimento, idade, sexo e pára no item “5- Escola”).

LUCI: – Escrevo todo ou só o nome?

ED1: – Como tu costumás escrever?

LUCI: – Não sei... Acho que todo o nome...

ED1: – Pensou em escrever como?

LUCI: – Não sei. Acho que só o nome.

ED1: – A tua escola é estadual ou municipal?

LUCI: – Estadual.

ED1: – Sabe aquela forma de pôr só a inicial para a gente saber depois?

LUCI: – Sim, sei. (Diz isso e escreve “E. E.” e o nome da escola...) (AUTORA, 2008, p. 23)

De maneira semelhante à análise antecedente, nesse fragmento de interação, observa-se a acomodação de LUCI, desta vez, em relação à figura do educador pela “autoridade” que este

representa. O educador, sem dar-se conta no momento da interação, age de forma contraditória e egocêntrica intelectualmente, visto que na tentativa de estimular a tomada de decisões e a autonomia de LUCI, acaba interferindo na reprodução daquilo que ele acreditava ser o correto. Verifica-se com isso, a presença das contradições no cotidiano do processo educativo e a necessidade de romper-se com as ações que “aprimoram” os sujeitos a determinadas escolhas em detrimento de novas possibilidades.

d) *Relação de troca interindividual equilibrada devido à cooperação intelectual*: Os registros a seguir constituem comentários extraídos dos blogs pessoais do Açaí Jovens dos adolescentes EVA (14 anos, 8ª série) e CARLOS (participante de uma das oficinas oferecidas por um colega cursista em outro município). As interações aconteceram de forma espontânea, a partir do momento em que CARLOS tomou a iniciativa de comentar um dos trabalhos que EVA havia desenvolvido na oficina de educação em saúde e postado no seu blog pessoal:

Quadro 1 – Comentário de CARLOS no blog de EVA⁵

De: “CARLOS” Legal seu blog e os assuntos que você gosta é bem interessante também principalmente os esportes abraços “CARLOS”. 14:50:11 01/07/2008

FONTE: AÇAÍ JOVENS, 2008.

Quadro 2 – Comentário de EVA no blog de CARLOS

De: “EVA” Olá, “CARLOS” gostei do que escreveu espero que vc retorne mais vezes. 16:33:11 04/07/2008

FONTE: AÇAÍ JOVENS, 2008.

Nas trocas em que há cooperação, o equilíbrio advém de um sistema de operações recíprocas (ESTRÁZULAS, 2008a). Nesse caso, observa-se que a interação entre EVA e CARLOS se estabeleceu não pela autoridade externa de um ou outro, mas pela existência de correspondência entre as ações de um em relação às

⁵ Os comentários dos adolescentes foram reproduzidos com exatidão nos Quadros 1 e 2, para garantir fidelidade à fonte original.

operações de pensamento do outro. No estabelecimento dessa troca, não se observa a presença da contradição, dado que o caráter reversível da correspondência entre ambos interessa à própria troca.

Discussão e considerações finais

A utilização de recursos de comunicação telemática na oficina de educação em saúde constituiu um meio atrativo para os adolescentes, despertando o interesse pelo seu manuseio. Na tentativa de aproveitar esse interesse a favor do processo educativo, utilizou-se desses recursos de forma sistemática durante os encontros, com avaliação positiva dos resultados alcançados tanto na mediação do processo de ensino-aprendizagem e do ambiente das interações, quanto na condição de “nova” possibilidade de comunicação entre os sujeitos.

Ratifica-se que a educação em saúde através de oficina representou uma importante estratégia na mediação da interação e da reflexão sobre o contexto de convívio social dos sujeitos. Da mesma forma, o planejamento e a avaliação foram procedimentos essenciais na realização das atividades e a coordenação multidisciplinar enriqueceu o processo de trabalho, evidenciando também trocas interindividuais equilibradas e desequilibradas entre os educadores e suscitando questionamentos a esse respeito, elementos que, conjuntamente, desencadearam a necessidade de autoavaliação dos educadores, permitiram o exercício da cooperação e, conseqüentemente, o crescimento individual e coletivo.

Observou-se evolução em relação às contribuições que os adolescentes passaram a fazer ao longo dos encontros nas atividades que foram propostas, apesar das dificuldades que apresentaram em se fazerem propositivos ou mesmo de agir de forma cooperativa. Nessa perspectiva, entende-se que é preciso evoluir em estratégias que sensibilizem a participação democrática, voluntária e consciente dos adolescentes em atividades semelhantes e

que inspirem a multiplicação de ações em prol da transformação da sua realidade concreta, a partir de iniciativas que atendam os educandos na sua totalidade, com vistas à integralidade e orientadas pela ação intersetorial.

Referências

AÇÁÍ JOVENS. *Blogs pessoais dos adolescentes participantes da oficina de educação em saúde e os desafios de educar para a paz*. Disponível em < <http://www6.ufrgs.br/leadcap/conviveraprender/acaijovens/ambiente/index.php>> . Acesso em 30 de setembro de 2008.

CAMARGO, Marisa. *Relações de trocas interindividuais no contexto de interações entre adolescentes numa oficina de educação em saúde*. Trabalho de Conclusão do Curso de Formação para Educadores Sociais (Aperfeiçoamento Especializado). Programa Conviver para Aprender. Laboratório de Estudos em Educação à Distância do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Nov. 2008.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA*. Lei n. 8069 de 13 de julho de 1990a. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>> . Acesso em: 22 outubro 2007.

_____. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. *Sistema Único de Saúde – SUS*. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 1990b. Disponível em: < www.anvisa.gov.br/legis/consolidada/lei_8080_90.pdf> . Acesso em 20 de outubro 2007.

_____. *O Sistema Único de Saúde: Princípios doutrinários e organizativos*. Ministério da Saúde. Gestão Municipal de Saúde. Textos básicos, p. 298-304, 2001.

_____. Resolução CNS n. 196, de 1996. *Normas e diretrizes regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos: sobre pesquisa envolvendo seres humanos*. Conselho Nacional de Saúde, 1996. Disponível em: < <http://www.conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>> . Acesso em: 20 outubro 2007. Ministério da Saúde, Brasília, 1996.

ESTRÁZULAS, Mônica Baptista Pereira. *Interação e sócio-cognição na internet: A teoria de desenvolvimento sócio-cognitivo de Jean Piaget no*

estudo das trocas entre crianças na escola e fora da escola. Dissertação (não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

_____. *Desenvolvimento, Aprendizagem e Conhecimento*. A Escola Ativa: concepção e método. Self-government e trabalho em equipe. A solidariedade e a justiça: Concepção piagetiana. Educação para a compreensão internacional: proposta apresentada à UNESCO, 19 de janeiro de 2008a. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/leadcap/conviveraprender/material.php>> . Acesso em: 04 de abril 2008.

_____. *Sócio-cognição (relações de egocentrismo, conformismo, coação e cooperação intelectuais)*. Lógica das relações. Coordenação normativa de valores qualitativos: Trocas espontâneas e trocas normativas. Equilíbrio e desequilíbrio nas trocas interindividuais, 15 de março de 2008b. Disponível em <http://docs.google.com/View?docid=df2xbtbb_103hq9s8mss> . Acesso em: 28 de setembro 2008.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas SA, 2005, 315 p.

OSÓRIO, Luiz Carlos. *Adolescente hoje*. Porto Alegre: ARTMED, 1992.

OUTEIRAL, José O. *Adolescer*: Estudos sobre adolescência. Porto Alegre: ARTMED, 1994.

PRATES, Jane Cruz. O planejamento da pesquisa social. *Revista Temporalis*, Porto Alegre, ABEPSS, n. 7, p.123-143, 2003.

SCHALL, Virgínia T. Educação em saúde: Novas perspectivas. *CADERNOS de Saúde Pública*, vol.15, suppl.2. Rio de Janeiro: Scielo Brasil, 1999.